

Editorial

A criatividade humana geradora de protocolos de pesquisas conseqüentes, na área das ciências biológicas e biomédicas, conduz a significativos avanços em técnicas e processos qualificadores não somente de diagnóstico e terapêutica, mas também possibilita a crescente valorização de atividades na prevenção, cada vez mais acessíveis a uma parcela maior da população atendida pelos sistemas de saúde.

Se, por um lado, o desenvolvimento e a aquisição de novas tecnologias exigem maiores investimentos públicos e privados, não há como negar que os resultados obtidos podem trazer reais benefícios à qualidade de vida individual e coletiva.

Entretanto, muitas destas inovações fazem surgir a necessidade de uma atenção especial da sociedade, assim como do seu posicionamento crítico, por exemplo, quando de pesquisas que envolvem seres humanos, incluindo embriões, células e tecidos; doação de órgãos; pacientes vulneráveis, como crianças e adolescentes; pacientes com necessidades especiais e aqueles estigmatizados.

Outro tema em debate refere-se aos limites entre a estética e a futilidade, incluindo a crítica em face do mercantilismo no ensino, na pesquisa e na prática profissional.

O respeito ao direito-dever de sigilo-confidencialidade, assim como a participação dos pacientes na tomada de decisões junto às equipes multiprofissionais, conduz a mudanças importantes na relação interpessoal, levando o Consentimento Livre e Esclarecido (Assentimento, no caso de crianças) a constituir-se em documento esclarecedor, gerado do diálogo construído com veracidade entre pacientes e profissionais, caso a caso.

Pode-se, portanto, pensar o século XXI como alicerçado em criatividade, ética, tecnologia e conhecimento.

Neste contexto, um profissional competente não é apenas o que faz, mas o que sabe o que fazer, como e por que, alicerçado nas ciências básicas, além de estar sempre atento aos principais dilemas de seu tempo, na sua corporação e junto à sociedade em que vive e trabalha, de ser articulado na interlocução com seus pares e de manter-se um ouvinte atento aos argumentos alheios, na perspectiva de adquirir novos conhecimentos ou poder, até mesmo, fundamentar mudanças paradigmáticas tanto para sua vida pessoal quanto profissional.

Qual, então, pode ser o papel de uma revista científica em um país tão desigual quanto o Brasil, miscigenado étnica e culturalmente, rico e pobre, pós-doutor e analfabeto?

Respondo com a visão quase utópica de reconstrução sistemática: do orgulho, da determinação, da coragem e da ousadia de quem a propõe e de quem com ela colabora, pois que há altos custos, orçamentos reduzidos e finitos, mas, sim, um valorizar-se sobremaneira dirigido aos editores internacionais, contraditória e surpreendentemente daqueles que administram os destinos da pesquisa e da pós-graduação que não parecem entender que temos por objetivo essencialmente atender às necessidades de nossa cidadania; o alívio de nossas mazelas; a solução sonhada de tantos problemas. Ao mesmo tempo, há tanta insensibilidade e muitas vaidades priorizadas, mesmo com enormes desafios por vencer!

Que a vontade de participar das mudanças possíveis e eticamente justas permaneça como uma chama que não se apaga em nossos corações e mentes: vocacionados, capacitados e convictos da responsabilidade de cada um em participar da construção do novo, mas diferente e bem melhor!

Marília Gerhardt de Oliveira, PhD
Professora Titular - PUCRS
Pesquisadora por Produtividade - CNPq